

The background features a complex geometric pattern of overlapping triangles in various shades of green and yellow. A light blue grid is overlaid on the entire page. A white rectangular frame with a dark grey border is centered on the page, containing the title text.

O Seleiro e o Funerário

O SELEIRO E O FUNERÁRIO

(Releitura do romance Fogo Morto,
de José Lins do Rego)

Ana Maruggi

Mestre José Amaro era conhecido pelo ofício de seleiro na velha Pilar. Mas não era lembrado por isso. Era lembrado por seu aspecto doentio murcho do acordar ao dormir, palidez constante nas faces saturadas pela expressão do esforço físico de martelar, e pelo misterioso hábito de caminhar pelas madrugadas com a desculpa de esticar as pernas, o que o confundia com um lobisomem.

O homem que foi abandonado pela esposa, que teve a filha enlouquecida, e foi expulso das terras do Coronel Zico, morreu de desgosto numa noite fresca de outono.

Na verdade nem morrer morreu direito, deixou-se levar desta para melhor, como ele mesmo dizia quando se referia à morte. A vida, não sabia se valia mais a pena – repetia o pobre Mestre.

Os vizinhos do Engenho, que o temiam pela fama de lobisomem, não foram ao seu enterro. Nem mesmo Dona Sinhá, a ex-esposa, e muito menos a filha internada no único hospício de Pilar.

Somente o dono da Funerária o acompanhava, era obrigação decerto, mas somente ele o fazia. Empurrava o caixão de pinho deitado sobre a carroça

que sacolejava nos buracos da estrada poeirenta, e pensava na solidão do defunto.

Foi o Coronel Zico que lhe pagou o féretro, e as flores que deitaram em seu túmulo, lacrado com alho e cimento forte. Morrera no dia anterior ao cortejo de seu cortejo, e somente Juvenal, o dono da Funerária, o havia visto morto.

"*Morte sem testemunhas*" - vangloriava-se o coveiro. Bateu fotografias do túmulo que o deixaria famoso um dia, e as publicou no único jornal do Município. A manchete era assim: *Morre lobisomem. Coveiro por testemunha.*

Quando o Mestre Seleiro não era mais notícia, quando o medo do lobisomem estava indo embora, ruídos noturnos passaram a ser ouvidos vindos da selaria de José Amaro. O Coronel Zico, católico fervoroso, quando lhe convinha, fazia o sinal da cruz ao cruzar o caminho da antiga selaria que ficava dentro de suas terras.

Numa dessas madrugadas frias em que a neblina veste as árvores do cerrado, ouviam-se ao longe fortes marteladas acompanhadas de gemidos densos e sofridos – *pau pau pau pau aúúú - Pau pau pau pau aúúúú.*

O Coronel acordou atordoado com as velhas pernas bambas, e banhou a casa com a água benta que comprou, a preço de ouro, do Padre Francisco.

Primeiro rezou baixinho pela alma do Mestre seleiro, coitado, que Deus o mantivesse por lá em lugar seguro e bom para seu espírito.

Mas depois, morrendo de medo, aos berros como se os santos não pudessem ouvi-lo. De nada adiantou tanta rezaria e molhação com água benta, pois as marteladas cada vez mais fortes tornavam-se mais e mais frequentes,

e os gemidos que eram incompreensíveis, agora se ouviam nitidamente o nome do Coronel Zico.

Pau pau pau pau pau pau Zicooo – pau pau pau pau pau Zicoooo.

O desespero era cada vez maior, e água benta ia aos poucos rareando no vaso de vidro, e as rezas nem se compreendiam na voz rouca e espumosa do velho homem.

Oh Meu Deus dos Mortos daí-me descanso dessa alma intriguenta!

Nas orações já cobrava do morto o preço que pagou pelo enterro, que não foi pouco não, foi muito mais do gastara com água benta e velas, que o morto se aquietasse lá onde estivesse e deixasse em paz suas terras.

Foi quando fortes batidas na porta da frente fizeram o Coronel pular para debaixo da cama. Entre tremedeira e reza, as mãos contavam as orações no terço que ganhara do seleiro no dia em que nasceu a filha louca do Mestre.

E de fora as batidas à porta se intensificavam até que ouviu-se um grito conhecido:

- Coronel Zico, sou eu o Juvenal da Funerária, abre aqui homem, abre logo!

O que faria ele em minha propriedade, de madrugada?
- pensou o Coronel, enquanto se refazia para abrir a porta para o compadre Juvenal.

Eram compadres, pois batizou ele o filho do Coronel, e o Coronel sua filha.

Mas havia entre ambos uma velada ranzinzisse por causa da mulher do Coronel que tinha sido noiva de Juvenal, mas como queria enricar, desmanchou o noivado e se casou com Zico.

Juvenal entristeceu, e quase finou. Mas, um dia casou, sem amor mesmo, com uma beata já doente. E, enterrou a esposa cinco anos depois de casados. Ficou cuidando sozinho da filha, que acabou se casando com o filho do compadre.

Desgracêra danada para um homem só - pensava Juvenal - que aos poucos traçou um plano esquisito para retaliar o acontecido e enricar com cada centavo que o Coronel Zico guardou na vida.

A tramela da porta uivou na madrugada. E, Zico notou que as marteladas cessaram, mas na relva a neblina solfejava silenciosa.

Mal cumprimentou o compadre e o empurrou para dentro certificando-se de manter a porta bem com tramelada.

Juvenal aproveitando do aspecto de terror na cara do amigo, foi logo contando que com ele se passou na estrada uma coisa muito estranha, de dar medo:

- Coroné, Coroné eu ia passando naquela curva quase reta, lá na beira do riozinho, quase embaixo daquela mangueira que o Zé Amaro prantou quando nasceu a filha louca, sabe qual é? Pois, lá encontrei hoje de noite o Zé Amaro, Cruiz Credo meu Deus do Céu, o homem tava sentado naquele toco que ele descansava depois das caminhadas noturnas.

Ele colocou a mão fria na minha cabeça e disse que era pra eu dá todo o dinheiro do bolso pra ele que ele tinha que pagar um bom lugar no céu. Compadre, eu tremia dos pés a cabeça. Ele me olhava firme parecendo que ia me debulhar todo. Não teve jeito, eu dei. Dei quase Mil contos que veio do pagamento do enterro de ontem que eu fui receber na casa da Carmencita.

O Zé disse que esse dinheiro é pra você me dá, que a dívida é sua e não minha, senão ele não consegue ir embora daqui nunquinha. Tava agoniado o infeliz.

O velho coronel se benzeu três vezes e caiu de joelho. Lembrou com dor na consciência que roubara a noiva do morto quando eram jovens, que ajudou

a enlouquecer a filha única do Mestre com intrigas e velhacaria, e que depois o expulsara de suas terras, tinha matado em vida o pobre o homem.

Devia-lhe descanso.

Chegou a chorar o rico coronel, logo ele que nunca chorou por nada, nem mesmo quando morreu a esposa.

Rezou e entoou uma, duas, três cantigas estranhas que ele inventou pro Mestre.

Rezava, cantava e chorava. Chorava o choro do arrependimento parecia.

Mas depois se aprumou mostrando reconhecimento, enfiou a mão no baú da mesa do canto e trouxe um maço de notas. Era bem mais que mil, mas deu todo ele para o Juvenal. Deu e agradeceu ao amigo por ter efetuado pagamento de um bom lugar no céu pro Mestre Seleiro.

Não. Não senhor! – respondeu imediatamente Juvenal – Esse dinheiro, o Zé disse, é apenas pra dar a entrada. É que ele vai fazer um parcelamento no céu, são 120 meses de três mil conto de réis por mês. Disse que o senhor não ia se incomodar de pagar.

Eu não duvidei disso, meu Deus do Céu, é claro que o Coronel paga tudo direitinho

Pelo amor de Deus ajuda a alma do Mestre! Inda mais depois que ele arregalou os dois olhos ocos pra cima de mim, aquele olhar frio. Oh Deus Vossa Excelência me ajude a afastar esse coisa ruim! – se benzeu o enterreiro. Oh, Coronel, você pagou o enterro e foi justo isso, agora acerta um lugar bom pra essa alma descansar. Volto aqui dia quinze do mês que vem. Boa noite compadre. Fica com Deus.

O Coronel ficou entre enfurecido, desolado e amedrontado, Não sabia que se havia de pagar pela moradia no céu. Tinha medo que a alma do Zé não fosse mais embora da selaria.

Pensava enquanto via se afastar na escuridão, o funerário, que se benzia e entova uma reza dos mortos.

Em casa, diante do único cemitério de Pilar, Juvenal sentou-se aboletado no banco de madeira que ficava num canto da cozinha. Ameaçou sorrir quando lembrou da tremedeira do coronel. Enfiou a mão no bolso, e jogou sobre a mesa surrada o bolo de dinheiro. Bateu com os nós do dedos, e disse para o parceiro:

— Taí, meu caro. A vingança começou. Recebemos nossa primeira prestação, Mestre.